

MUNDO GRÁFICO



Um
automóvel
que,
por ser utilitário,
não pode
levar
esta linda
rapariga



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,45 noticiário	GRU . 31,75 m. (9,45 mc/s)	
	GRV . 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14,15 noticiário	GRZ . 13,86 m. (21,64 mc/s)	
	GRU . 31,75 m. (9,45 mc/s)	
14,30 actualidades	GRV . 24,92 m. (12,04 mc/s)	
	GRX . 30,96 m. (9,69 mc/s)	
23,00 (*) noticiário	GSB . 31,55 m. (9,51 mc/s)	
23,15 (*) actualidades	GRT . 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades
ouve-se também em ondas médias de 261.1 metros
(1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros
(200 kc/s).

Sumário

O AUXÍLIO INGLÊS A PORTUGAL, NA GUERRA PENINSULAR, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «Observador»

EDWARD SPEARS, biografia

10.000 AVIÕES ABATIDOS PELA R. A. F.

OS ALIADOS NO MAR

A ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

COMO SE TRABALHA EM LISBOA

UM RAID AUDACIOSO

A CHINA BATE O JAPÃO

O REPRESENTANTE DA REPUBLICA DO PERÚ, por S. Sabya

A FRENTE DA VITÓRIA

FARPAS E BANDARILHAS, por M. M.

PELA LIBERDADE DO MUNDO

O MUSEU DOS COCHES

FIGURAS E FACTOS

St.ª MARIA, «A GRANDE», DA SÉ DE LISBOA, por Norberto de Araujo

COMO ELÁS SE VESTEM

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

LITERATURA INGLÊSA, de A. R.

O TELEGRAMA, novela de Guedes de Amorim

CINEMA, de António Lourenço



UMA CIGARRILHA PETULANTE

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



HERMES
baby



A MÁQUINA DE ESCREVER
MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição
46, L.º E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO,
SUERS., Largo S. Domingos 50
e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefo-
nes 235 e 2352 - PÓRTO

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO:

Viaje na C. P.

Informações — em todas as estações da C. P.

— em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031

— no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

O auxílio inglês a Portugal na Guerra Peninsular

de ROCHA MARTINS

O almirante Sidney Smith bloqueava o Egipto quando Bonaparte pretendia fazer a sua conquista e, como desejasse livrar o país da acção do conquistador, serviu-se dum processo, deveras hábil, para o fazer partir para França. Tendo conseguido apanhar um oficial francês a bordo do seu navio, encheu-o de gentilezas e acabou por lhe dar como último mimo, um maço de jornais repletos de notícias do mal estar em Paris e das desordens da Itália. Bonaparte que ignorava os acontecimentos, tratou de se escapar do Egipto para ir acudir à situação francesa e talhar o seu caminho para o poder.

Em Santa Helena, Napoleão dizia: «Finalmente, o almirante Sidney Smith não era mau homem». Depois do desastre dos franceses na pátria dos Ramsés, o almirante britânico continuou a sua bela carreira e coube-lhe comandar o bloqueio do Tejo quando se anunciava a invasão francesa. Era ele que estava na barra de Lisboa por ocasião da partida da família real para o Brasil tendo enviado quatro dos seus navios — Malborough, Bedford, London e Monarch — combater a esquadra portuguesa.

Os franceses assenhorearam-se do país.

Reforçado o bloqueio do Tejo, sucedera-lhe no comando da esquadra britânica o vice-almirante sir Charles Cotton e nunca se viu marinheiro mais activo em promover a recolha por meio de manifestos. Vigia, atentamente, as saídas dos navios, mantinha comunicações com terra, por intermédio dos pescadores de Cascais, enviava as suas notas, proclamações e avisos aos lisboetas amigos da Inglaterra, punha-os ao facto dos acontecimentos de Espanha e recebia foragidos a seu bordo, e entre eles o nunció monsenhor Calepi, mandando-os transportar ao Brasil, aos Açores e à Inglaterra. Informado dos levantamentos em Portugal animava-os, auxiliava-os, fomentava-os sucessivamente de bordo da nau Hibernia.

Numa das proclamações dizia que enviara a Sines o capitão Smith a bordo do Comus. Anunciava que em Espanha: O povo estava, por toda a parte, em revolta e o resultado não pode deixar de ser glorioso. A mesma energia há-de ter igual sucesso em Portugal; e assim os habitantes de ambos os reinos terão igual direito ao aplauso e admiração de toda a Europa». Em 4 de Julho de 1808, tornava a enviar outro manifesto no qual noticiava que recebera deputações de toda a parte do reino a pedir-lhe socorro. «Agora é a boa fé, aos socorros britânicos, ajudados da vossa energia e esforços, que eu espero seja devedores do restabelecimento do vosso príncipe e da independência da vossa pátria».

Vinte e dois dias depois, estava Wellesley a bordo da Hibernia onde combinou o desembarque das suas forças junto a paz do Mondego e desta vez a proclamação foi assinada por ele, general das tropas e pelo almirante Cotton. Diziam:

«Satisfazendo os desejos e ardentes súplicas com que Portugal, de todas as partes, lhe têm pedido socorros, o rei da Gran-Bertanha, tem mandado, para este país, um exército destinado a cooperar com a sua armada que já cruza as vossas costas. Os soldados ingleses desembarcam em vossas praias, armados de puros sentimentos de amizade, fidelidade e honra».

Esses manifestos eram lidos pelos patriotas, encorajava-os, davam-lhes ânimo e as tropas portuguesas formavam-se nas províncias; apareciam os generais — Sepulveda, Silveira, Bernardino Freire e Bacelar — dispostos a escorçar os invasores do solo da nação.

Wellesley partira para o Norte, o desembarque dos cem soldados fez-se em Lavos, junto da Buarcos e, dentro de um mês, dava-se as batalhas da Rolica e do Vimeiro que punham fim ao domínio napoleónico em Portugal.



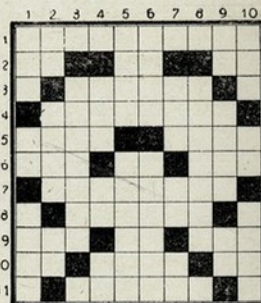
PROBLEMA N.º 40

HORIZONTAIS

- 1 — Naturais dum grande país, em luta contra o «eixo».
- 2 — Letra grega — Neste lugar — Ermo.
- 3 — APELIDO DO ALMIRANTE AMERICANO, COMANDANTE-CHEFE DA FRENTE MARÍTIMA DO MAR DAS ANTILHAS.
- 4 — Tagarelice.
- 5 — Oportunidade — Que não crê em Deus.
- 6 — Muito — Aspecto — Cruel.
- 7 — Sobrancelha.
- 8 — Contornai.
- 9 — Transpiro — Abreviatura de «idem» — Repetição distinta dum som.
- 10 — Preposição — Passados — Carta de jogar.
- 11 — Ave trepadora, semelhante ao papagaio (pl.)

VERTICAIS

- 1 — Argola — Consoantes iguais — Empregui.
- 2 — Pedra de moinho — Um dos naipes das cartas de jogar — Unidade.
- 3 — Adivinho (subst.).
- 4 — Interjeição — Símbolo do «barrio» (na química) — Caminhar.
- 5 — Pás que escorre de certas alcercas — Fermentada.
- 6 — Corte no vestuário para adaptação das mangas — Que roi.
- 7 — Época — Além — Curada.
- 8 — APELIDO DO GENERAL INGLÊS QUE COMANDA AS FORÇAS IMPERIAIS NA LÍBIA.
- 9 — Artigo (pl.) — Relativo ao ar — Aqui.
- 10 — Astro que é o centro do nosso sistema planetário — Vogais iguais — Porção.



(Solução do Problema n.º 36)

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

Remington

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas { Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

LORD ▼ SAPATARIA · CHAPELARIA
GRAVATARIA

SIMBOLO DE ◆

ELEGANCIA E

BOM GOSTO ▲

LORD

201 - R. Augusta - Telef. 2 2142

REFLEXOS DO MUNDO

Os «estrélas» na guerra

Duas das mais graciosas actrizes cinematográficas que, através do écran têm conquistado mi-

lharés se não milhões de admiradores, ficaram agora sôzinhas.

Deanna Durbin e Judy Garland que, por muitos foram chamadas as «noivas do mundo», em virtude da guerra ficaram, provisoriamente, sem os seus maridos, um telegrama de Hollywood, anuncia que os respectivos esposos das «estrélas» foram chamados a prestar serviço no exército e na marinha. As duas artistas abraçaram-nos muito, mas sem lágrimas, orgulhosas e seus maridos se baterem pela grande causa.

Ambas se têm distinguido no auxilio aos soldados e na conturbuição do esforço de guerra. Deanna Durbin, que é de família canadense, tem sido das maiores entusiastas da vitória inglesa.

Corridas de cavalos

Nos dias doze e treze de Maio realizaram-se em Inglaterra umas importantes corridas de cavalos.

Os vencedores foram o «Rig Game» e o «Sem Chariot» da coudelaria real.

Ganharam respectivamente, dois mil e mil guinéus. Das duas vezes a corrida foi ganha por quatro compromentos.

É a primeira vez que o Rei de Inglaterra obteve o prémio chamado «Guineiss Double».

Glória a Malta

O tenente-general sir William Dobbie que deixou o governo da ilha de Malta, foi substituído pelo visconde lord Gort. São dois homens de armas, de provado heroísmo.

O antigo governador da gloriosa ilha ao chegar a Inglaterra, falou pela rádio. Declarou que era, com orgulho, que prestava homenagem à coragem, firmeza de carácter, e tenacidade do povo e da guarnição da ilha fortaleza.



★ A poderosa aviação americana bombardeia Tóquio, sem perder o único aparelho, num raid devastador em que foram atingidas a indústrias de guerra do inimigo ★



«Hitler disse que riscaria Malta do mapa e tem feito esforços desesperados para o conseguir, mas Malta está tão longe agora de ser destruída como quando ele começou. Poderá Hitler continuar os seus esforços, mas estou convencido de que, com o auxilio da Divina Providência, esses esforços se malograrão também.»

Eis o melhor elogio de Malta. Na ilha-cemitério dos aviões do eixo flutuará sempre a bandeira britânica.

Uma multa



A Inglaterra concentra toda a sua força neste objectivo vencer a guerra, objectivo esse que, cada dia e tá mais próximo e mais tangível. Toda a sua vida, toda a sua alma se congregam para abater o inimigo. Os ingleses não descuram os mais pequenos pormenores da vida quotidiana.

No distrito mineiro de Sutton, perto de Birmingham, realizou-se há dias o julgamento, do dono de uma

loja, por ter destruído papeis velhos. São desperdícios que não podem consentir-se em tempo de guerra.

O homem foi condenado a pagar uma multa de 5 libras por ter mandado o marçano queimar papeis que podiam ser aproveitados para fins convenientes. O papel é hoje considerado um dos materiais de guerra.

A acção dos aviadores

Foi comunicada a notícia da morte em combate do capitão Slistilov.

O capitão Slistilov guiou um grupo de caças contra uma grande concentração de tropas alemãs de artilharia e tanks, prestes a entrar em combate. Slistilov dirigiu-se para um sector onde o número de peças anti-aéreas era excepcionalmente grande.

Voando a baixa altura destruiu quatro baterias anti-aéreas e, com rajadas de metralhadora, matou um grande número de soldados alemães. Na ocasião

em que a luta era mais renhida, o seu avião foi atingido por uma granada anti-aérea, que furou o depósito de combustível, incendiando o aparelho.

Slistilov mais uma vez dirigiu o seu avião, agora incendiado, sobre o alvo, lançando bombas. Depois despenhou-o sobre as posições alemãs. Sacrificando a vida, destruiu um importante núcleo de tropas inimigas.

Uma conferência

A notável conferência que o sr. dr. Joaquim Manso, illustre director do «Diário de Lisboa», realizou na Sociedade de Geo-

grafia sobre Olavo Bilac, foi um acontecimento literário de vulgar relevo.

O poeta do «Caçador de Esmeraldas» é bem representativo da alma do Brasil.

Opulenta, generosa, idealista, ora arremessada às estrélas, numa coluna de sonho, ora divagando, amorosa e heróica, nas águas do Atlântico. Olavo Bilac, que exaltou com o seu génio a língua portuguesa, dedicando-lhe um famoso soneto, que é um monumento, foi evocado pelo brilhante escritor sr. dr. Joaquim Manso, com toda a eloquência e expressão.

MESMO COM OS OLHOS FECHADOS!
RECONHEÇO PELO SEU AGRADAVEL SABOR E AROMA QUE É UM CIGARRO FEITO COM PAPEL DE FUMAR.

Smoking



EDWARD SPEARS

A nomeação recente do General Edward Spears para o cargo de ministro plenipotenciário da Gran-Bretanha na Síria e na Líbia foi acolhida com satisfação geral. Trata-se duma personalidade de excepcional relevo nos meios políticos e militares britânicos que, por mais duma vez, tem tido ensejo de documentar as suas reais qualidades de homem de Estado hábil e sabedor.

O General Spears nasceu em Paris, em 1886. Entrou para o Exército britânico em 1903 e entre 1906 e 1910 serviu nos regimentos de hussares. Os seus conhecimentos profundos de língua francesa e dos meios militares da França levaram, em 1911, à indicação do seu nome para o desempenho de um cargo que se relacionava directamente com o sistema de relações entre os dois países.

Quando estalou a conflagração de 1914-18, o General Spears prestava serviço junto do ministério da guerra francês, como agente de ligação do seu governo. Foi o primeiro oficial inglês a ocupar o seu posto na frente de batalha. Oficial de ligação junto do quartel general do General French, comandante do corpo Expedicionário britânico, a sua acção incansável valeu ao comando as mais honrosas referências. «Nunca hesitou, diz uma das suas citações, em cumprir os maiores riscos na primeira linha de fogos. Ferido quatro vezes, citado numerosas vezes, por actos de honra, nas ordens do dia do Exército inglês e do Exército francês, alcançou rapidamente o posto de brigadeiro que ocupava quando se fez a paz. Depois disso a sua principal preocupação foi a de reforçar a amizade franco-britânica sendo um dos mais entusiastas partidários dessa amizade. É um ministro militar reputado tanto em França como em Inglaterra.

CRÓNICA INTERNACIONAL

Optimismo e pessimismo

Optimismo e o pessimismo são estados de espírito colectivo que podem exercer uma influência decisiva no moral das populações e na saúde das tropas que se batem nas linhas de batalha. O principal cuidado dos homens de Estado, responsáveis pela direcção dos negócios públicos em tempo de guerra, e pelos chefes militares, que têm sobre os seus ombros a pesada responsabilidade de conduzir as batalhas, consiste em não deixar que eles se exagerem perigosamente.

Recentemente, três homens de Estado britânicos, todos membros do gabinete de guerra, fizeram declarações públicas a que é legítimo atribuir carácter oficial. Falando em reuniões públicas ou no recinto da Câmara dos Comuns, todos exprimiram não apenas os seus pontos de vista pessoais mas as opiniões actuais do governo britânico. As suas declarações, embora produzidas por individualidades de tão diversos temperamentos, narmam uma unidade de concepções que é o segredo da força inglesa neste momento.

O sr. Churchill é o chefe do partido Conservador na Gran-Bretanha e, ao mesmo tempo, o Primeiro Ministro do governo de S. M. O sr. Attlee é o chefe do partido Trabalhista, e a figura mais categorizada da opposição parlamentar. Sir Stafford Cripps é um socialista sem filiação, cujas tendências são bem conhecidas em todo o mundo. As palavras que os três acabam de proferir têm um sentido único. A Gran-Bretanha bate-se, na primeira trincheira, pela vitória de princípios que são a própria razão da existência e da felicidade humanas. Os seus filhos não conhecem, por isso, outro lema, outra tendência ou outra inspiração que não seja a de alcançar uma vitória capaz de justificar a grandeza dos sacrifícios até agora consentidos. Trata-se de conseguir um imperativo da vontade e da consciência nacional. Para a vontade e para a decisão do povo inglês nenhum obstáculo pode impedir que essa tarefa seja executada cabalmente.

Mas nenhum dos dirigentes britânicos que falou aos seus compatriotas, com as responsabilidades especiais de direcção que lhes cabem num momento particularmente difícil, ocultou o significado verdadeiro das dificuldades que é preciso vencer até que seja alcançado o objectivo que todos se propõem. Essas palavras fôram de confiança e de fé. Nenhuma delas foi de euforia impensada ou de jactância exagerada. Tanto o Primeiro ministro, como os seus colegas de gabinete, sabem a razão do seu optimismo.

Seguindo a trajectória das declarações oficiais feitas pelos homens de Estado ingleses desde o início do actual conflito não é possível descobrir nelas uma promessa cujo cumprimento esteja fora dos limites do possível e do realizável. Quando entrou na guerra o povo inglês conhecia o calvário de sacrifícios que teria de percorrer com uma noção perfeita das suas responsabilidades. Por isso, nem nas horas de luta mais acesa nem nos períodos de dúvida mais cruciantes, se ouviu um ministro britânico marcar uma data fixa para termo da batalha empreendida com pleno conhecimento de causa.

Mas o povo inglês sabe e os seus governantes não lho occultam que, desde 1 de Setembro de 1939, nunca a situação da Gran-Bretanha e do Império foi tão preponderante como agora. A fórmula de Churchill continua a dominá-la: «Estamos armados e acompanhados». As armas são excelentes. A companhia forte. Acima deles está a decisão inabalável de vencer que é idêntica entre os governantes como entre os governados.

O OBSERVADOR

O virar da maré

A rainha de Holanda falou aos seus subditos. A nobre testa coroadada com a autoridade que lhe dá a sua situação privilegiada, afirmou-lhes que a hora da libertação estava próxima. Teve mesmo esta frase: a maré virou. Virou, de facto. São a resistência russa; os fabulosos armamentos dos Estados Unidos; a Inglaterra preparada para desferir o golpe supremo; as reacções na França, Holanda, Noruega e outros países ocupados.

A produção americana

Quem tem conhecimento da produção da guerra dos Estados Unidos fica assombrado. Todas as cifras mensais, propostas por Roosevelt, têm sido excedidas. O próprio Funk, procer do nazismo, não o esconde, quando, em discurso público afirma, que os Estados Unidos têm 90% da produção do aço em todo o mundo. A guerra mecânica feita pelo país mais industrializado do mundo, só pode ter um desfecho.

Os céus da Europa vão ficar escurecidos com nuvens de aviões, que transportarão verdadeiros exércitos; a construção de navios prossegue num ritmo alucinante, com novos processos de trabalho, desconhecidos na Europa; e a massa de tanks, de canhões, e de outras armas, é de tal ordem, que a nossa imaginação vê a Europa inundada de aço e ferro, num esforço que aniquilará quem ousou profanar a Paz provocando a tragédia imensa.

Frio e calor

A luta na Frente Leste que, no ano passado, ainda teve algumas surpresas, está agora desenrolando-se sem qualquer imprevisto. A aviação, os olhos da Infantaria, não permite ao invasor qualquer efeito de tática. Ao golpe alemão sobre Kerch, de resto limitado pela extensão da frente, correspondeu a ofensiva do marechal Timochenko, que conseguiu não apenas uma progressão profunda no terreno, mas paralisar o avanço premeditado dos alemães, com um terrível degaste de forças e de material bélico do inimigo.

«Mundo Gráfico»

Continuam à venda as capas para a encadernação do primeiro ano do «Mundo Gráfico», ao preço de quinze escudos.

Pedidos à administração da nossa revista.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravus, Ld.ª, Travessa de Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa
PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



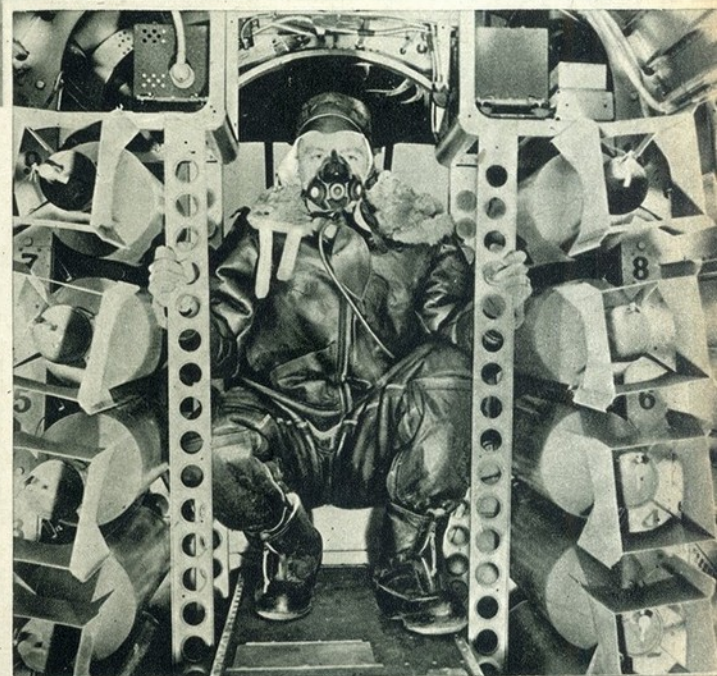
A ofensiva da R. A. F. prossegue vitoriosamente. São estes os famosos bombardeiros "Stirling", que têm voado sobre a Alemanha, arrasando numerosos centros vitais da sua indústria de guerra

10.000 AVIÕES abatidos pela R. A. F.

“AS forças da R. A. F. incendiaram a imaginação em todo o mundo, porque o mundo sabe bem quanto lhes deve... Esta fórmula sintética empregada no último e sensacional discurso que Lord Halifax proferiu em Washington, está bem na linha da sentença eterna que o Primeiro ministro formulou para definir a batalha vitoriosa da Inglaterra: “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”.

Desde que a guerra começou, os aviões do Comando Costeiro fizeram precursos que totalizam mais de cinquenta milhões de milhas, número que desafia tôdas as comparações e vale por todos os louvores. Sobre as águas do Atlântico e do Mar do Norte, ao longo das costas da Europa ocupada e da Alemanha, esses vôos mantêm uma vigilância incessante e representam um perigo constante.

Entre Setembro de 1939 e Fevereiro de 1942 o número de aparelhos alemães e italianos destruídos eleva-se a cerca de nove mil. As forças da aviação naval britânica destruíram mais



Os Estados Unidos estão enviando aviões para toda a parte do mundo. Este é um dos mais modernos bombardeiros para vôos na estratosfera, com o seu poderoso carregamento de bombas



As bombas que agora usamos têm o peso aproximado de duas toneladas. Os alemães chamam-lhe "bomber-bloco" pois sabem que cada um desses engenhos é capaz de destruir um bloco de prédios".

Os ataques a Lubeck e a Rostok ficarão na história deste conflito como uma afirmação categórica da superioridade do material e da perícia das tripulações da Gran-Bretanha. A indústria aeronáutica britânica alimenta a resistência russa. Ao mesmo tempo os seus aparelhos seguem, incessantemente, para o Próximo e para o Médio Oriente, para a Índia, para o Egito. Os grandes bombardeiros que saem diariamente das fábricas dos Estados Unidos, chegam em poucas horas a Inglaterra ou saltam até à costa ocidental da Africa de onde seguem para o Egito e para o Iran. Se a aviação é a arma que deve decidir da sorte deste conflito, a Gran-Bretanha e os seus aliados podem encarar, confiadamente, o futuro e as suas exigências.

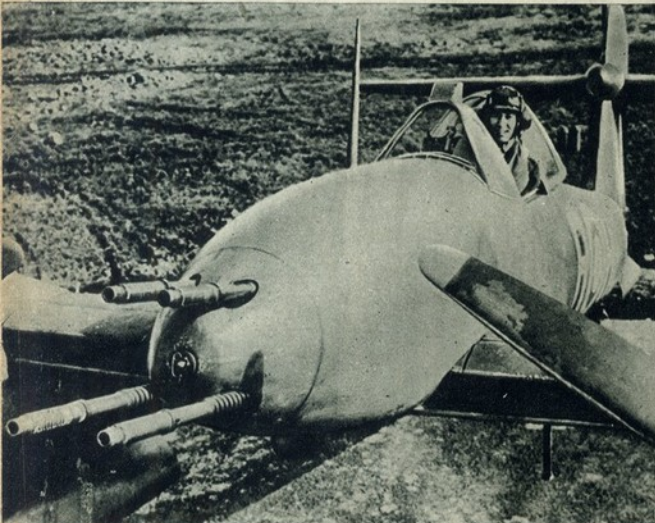
Como Lubeck, Rostok foi devastada pela lava aérea da R. A. F. Na fotografia pode vê-se o que sofreram as instalações industriais da fábrica de aviões "Heinkel". As grandes oficinas de montagem de aeroplanos, casa das máquinas, pintura e outros edifícios importantes foram destruídos ou danificados pelo fogo

seiscentos. O número de aparelhos destruídos andava assim, em Fevereiro deste ano, à volta de uma dezena de milhar.

Mas o aspecto mais sensacional da acção da R. A. F. é sem dúvida o que diz respeito ao poder crescente dos seus incomparáveis bombardeiros. Na primavera de 1942, apenas volvidos uns escassos dezoito meses, sobre a batalha de Londres, as cidades alemãs conhecem o peso da arma aérea britânica, operando desde o

norte da França até aos confins da Boémia.

"Os nossos grandes bombardeiros, disse Lord Halifax no seu sensacional discurso, estão a ser enviados em número crescente. A medida que o tempo for melhorando aumentarão os ataques devastadores sobre a Alemanha. Não só a qualidade dos seus aparelhos melhora constantemente mas cada vez transportam maior número de bombas e bombas mais pesadas.



O "Whirlwind," (ciclone) é uma das últimas revelações da aviação de caça inglesa. Apesar de já estar há alguns meses ao serviço, só agora se tornou conhecida a sua existência. Os seus quatro canhões tem já abatido centenas de aviões inimigos. E' ainda mais veloz do que o célebre "Spitfire."



Na América tudo é grande. As máquinas e os homens. A sua indústria e o seu povo. Um interessante corredor de bombas para treino de bombardeiros

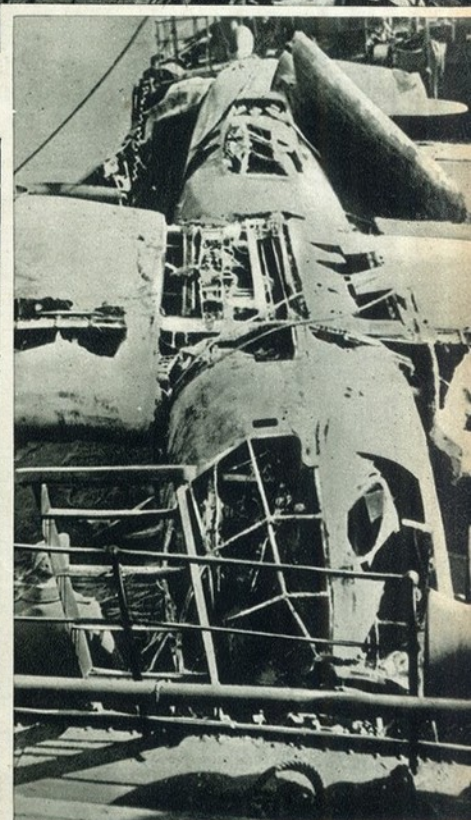
OS ALIADOS NO MAR



A esquadra da França Livre. A caminho da Austrália, um *destroyer* da gloriosa armada francesa em serviço de guerra ao lado dos aliados passa, imponente, à vista dum navio americano. Os tripulantes trocam efusivas saudações



Um porta-aviões americano. Os navios de linha dos Estados Unidos são as sentinelas poderosas do Pacífico. A batalha do Mar do Coral, em que a armada nipônica sofreu pesadas e irreparáveis perdas, provou o domínio da esquadra americana. A bordo dum porta-aviões, dois rotundos "ovos", de aço que vão ser arremessados sôbre as posições japonesas das ilhas Marshall



A Luftwaffe já não ataca a Gran-Bretanha. Enquanto a R. A. F. faz periodicamente *raids* sôbre a Alemanha e países ocupados, lançando milhares de bombas, a aviação inimiga é abatida antes de atingir os seus alvos. Eis a carcassa esboracada dum bombardeiro Heinkel III, abatido no mar



A Orquestra Filarmonica de Lisboa, dirigida pelo maestro Ivo Cruz, realizou em S. Carlos dois admiráveis concertos, a um dos quais assistiram o sr. Embaixador de Inglaterra e sua esposa

A ORQUESTRA FILARMONICA DE LISBOA



Um aspecto do corpo coral feminino durante a audição



A sala oferecia este magnifico aspecto

Como se trabalha em Lisboa

O esforço que, sem exagero, em alguns casos, se pode classificar de hercúleo, desempenhado pelo operário português, nem sempre é julgado com a merecida justiça. Pois devia...

O nosso trabalhador é dos mais hábeis, dos mais delicados, dos mais intuitivamente inteligentes. Se, em vários casos, lhe falta conhecimentos técnicos, em compensação a sua habilidade, supre qualquer deficiência de escola. Contudo, nunca por mais complexa que seja a tarefa que tem a seu cargo, ele deixa de a cumprir rigorosamente, e, sempre, com inextinguível perfeição.

A indústria pesada e a de construção naval, têm nestes últimos anos atingido um desenvolvimento digno de registo — mercê do auxílio que o Estado lhe vem prestando.

Hoje a nossa produção naval e a indústria de ferro, familiarizaram o operário português com determinados aspectos de construções, até há alguns anos quasi limitadas a tentativas.

E não nos venham dizer que lá fora, isto... e aquilo... Cá também se produz conscienciosamente e com perfeição. O caso está em que as circunstâncias o exijm e o permitam.

Um caso sobre as facultades do nosso trabalhador merece referência; facto que, no entanto, é suficientemente conhecido. Quando sucede a qualquer operário português abandonar o seu país para ir exercer a sua actividade num



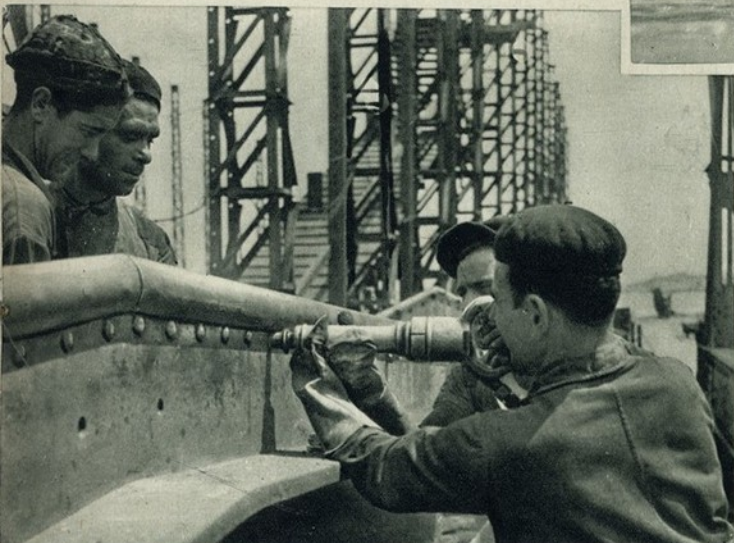
A máquina perfuradora é vigiada pelo homem. Cada orifício na chapa corresponde a um futuro rebite

país estrangeiro, a sua categoria é em seguida elevada e a sua competência imediatamente reconhecida. Muitos casos poderíamos citar em que o nosso trabalhador, no conceito até dos estrangeiros, excede as previsões mais optimistas.

Em síntese: o nosso operário é digno de admiração, pois esta asserção não representa sequer um favor — é justiça.

E nem tudo o que produz, quanto lhe sai das mãos, depois de limado, batido, limpo, perfeito, agradável à vista, deve ser tido por obra grosseira!

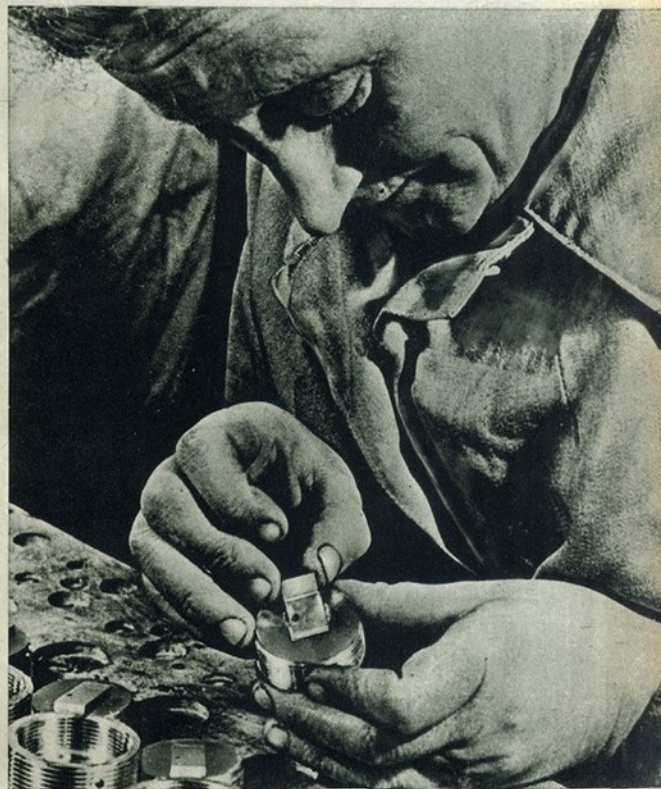
Bem sabemos que o contacto com chapas de ferro, rebites, longas pranchas de madeira, hão são objectos para admirar na sua primitiva rudeza. Mas dessas massas de matérias, brutas, informes, saem às vezes obras de delicadeza que encantam e prendem o olhar das gentes.



No estaleiro. Cravação de rebites na quilha de um navio mercante



O aço em fusão, com o seu fogo de artifício de faíscas, é lançado nos moldes



Um operário especializado ajustando as peças de uma máquina

UM RAID AUDACIOSO



O exército imperial inglês na Líbia não deixa descansar o inimigo, fazendo constantes "raids" aos postos de comando, comunicações centros de abastecimentos. Fotografias flagrantes de uma dessas heroicas façanhas em que foram capturados numerosos alemães e apreendido abundante material de guerra. A bandeira nazi foi o primeiro troféu



Uma compacta coluna de prisioneiros atravessa o deserto guardada por soldados britânicos, a juntar-se às centenas de milhares de alemães e italianos que têm sido capturados, na queda do império italiano



Os alemães aprisionados são trazidos para a rearguarda, não dando quaisquer sinais de reacção. Eis um grupo de soldados nazis, um dos quais ferido numa perna é amparado pelos seus camaradas



Um aeroplano do inimigo que ia aterrar é alvejado em cheio por este soldado da gloriosa infantaria britânica, incendiando-se



Um oficial inglês explica aos seus soldados a estrutura de um dos tanks alemães que foram apreendidos durante o audacioso raid



Sobre as areias escaldantes do deserto da Líbia este oficial alemão caiu para sempre



Um dos valerosos soldados ingleses, que tomou parte no raid, no regresso à base, mostra como mascote um estilhaço de uma bomba de avião que embora lhe tivesse rasgado a calça não o feriu

A CHINA BATE O JAPÃO



Madame Chang-Kai-Chek, cujo nome já pertence à história, visitando um hospital de feridos. Tem sido ela a principal colaboradora da acção do glorioso marechal Chang-Kai-Chek



Chung-King a cidadela da resistencia chinesa. Durante um raid inimigo, repellido pelas aviações nacional e americana, a população recolhe-se nos abrigos



Os japoneses abandonaram no campo de batalha numerosos tanks que são conduzidos para serem reparados, servindo depois contra o inimigo



Os exércitos chineses estão hoje dotados do mais moderno material de guerra. Uma metralhadora anti-aérea fazendo fogo



Noutro campo de batalha, Os soldados chineses recolhendo despojos dos nipónicos, que foram obrigados a recuar



Em plena acção. Os chineses atravessam a selva para atacar as linhas da rearguardias japonesas

O Representante da República do Perú

A República do Perú, cuja história é, entre os demais países da América do Sul, a que remonta a mais antigos tempos, vive justamente orgulhosa das suas nobres tradições, entre as quais avulta um inextinguível amor à sua independência, pela qual se tem batido, numerosas vezes, com admirável galhardia, merecedora do maior respeito, que nem os próprios adversários de algum dia deixam de lhe consagrar abertamente.

Na recente Conferência do Rio de Janeiro, em que os países das duas Américas resolveram colocar-se ao lado dos Estados Unidos para a defesa dos princípios sagrados da Humanidade, o Perú, desde a primeira hora, solidarizou-se firmemente com essa doutrina e tão longe foi a sua adesão à causa dos aliados que o seu Presidente da República, Dr. Manuel Prado, Eminentíssimo Professor da Universidade de S. Marcos e notável homem de estado americano e ilustre financista, não duvidou, num notável espírito de efectiva colaboração com as resoluções tomadas na reunião do Brasil, deslocar-se a Washington, a conferenciar com o grande Presidente Roosevelt, concertando com êle o caminho a seguir. Essa viagem, feita no presente mês de Maio, define, da forma mais positiva, até que ponto a simpática República Sul-americana, fiel às suas tradições de direito e de justiça, está de alma e coração, unida à causa pela qual os Estados Unidos agora se batem tanto no Pacífico como na Europa. O Presidente Prado, enquanto esteve nos Estados Unidos, foi recebido solenemente no Congresso, onde a sua palavra fluente foi ouvida com a maior admiração.

Bastariam estas rápidas notas para que o *Mundo Cráfico* se honrasse chamando a atenção dos seus leitores para aquêl distantes e pouco menos que lendário país, infelizmente bem pouco conhecido e apreciado entre nós. Mas o seu representante em Lisboa, o ilustre diplomata sr. dr. Óscar Vasquez Benevidez, veio, com uma gentileza que revela apurado requinte de fidalga elegância moral, permitir-nos que as enriquecêssemos, fornecendo-nos mais alguns valiosos elementos de reportagem respeitantes ao progresso, sempre crescente, que a sua florescente nação dia a dia registra.

E assim, o Sr. Encarregado de Negócios do Perú, em amena conversa, falou-nos, patrioticamente embevecido, do seu país, afirmando-nos que êle caminha, com passo firme, por uma estrada magnificamente traçada, orientado no objectivo de fazer uma obra nacional que lhe proporcione o lugar de preponderância, que entende corresponder-lhe por direito próprio. A República do Perú tem diversas Universidades, a primeira delas fundada em Lima, em 1555, sendo a primeira da América, assim como escolas e conventos, que traduzem a expressão da seqüência da cultura da idade de ouro da Mãe Pátria.

Descreveu-nos, depois, a maneira segura como as reformas têm sido feitas, num ritmo acelerado, com a preocupação constante e a todo o momento mais acentuada, de elevar o Perú ao máximo engrandecimento e à mais elevada situação no conjunto dos mais progressivos países da América do Sul.

E com êsse hino de patriota ardente encerrou o Sr. Dr. Vasquez Benevidez a agradabilíssima entrevista que nos concedeu e que nos proporcionou ensejo para nos certificarmos de que os peruanos marcham, a passo seguro na vanguarda da civilização sul-americana, defendendo o seu continente numa atitude que na sua história marca uma data transcendente.





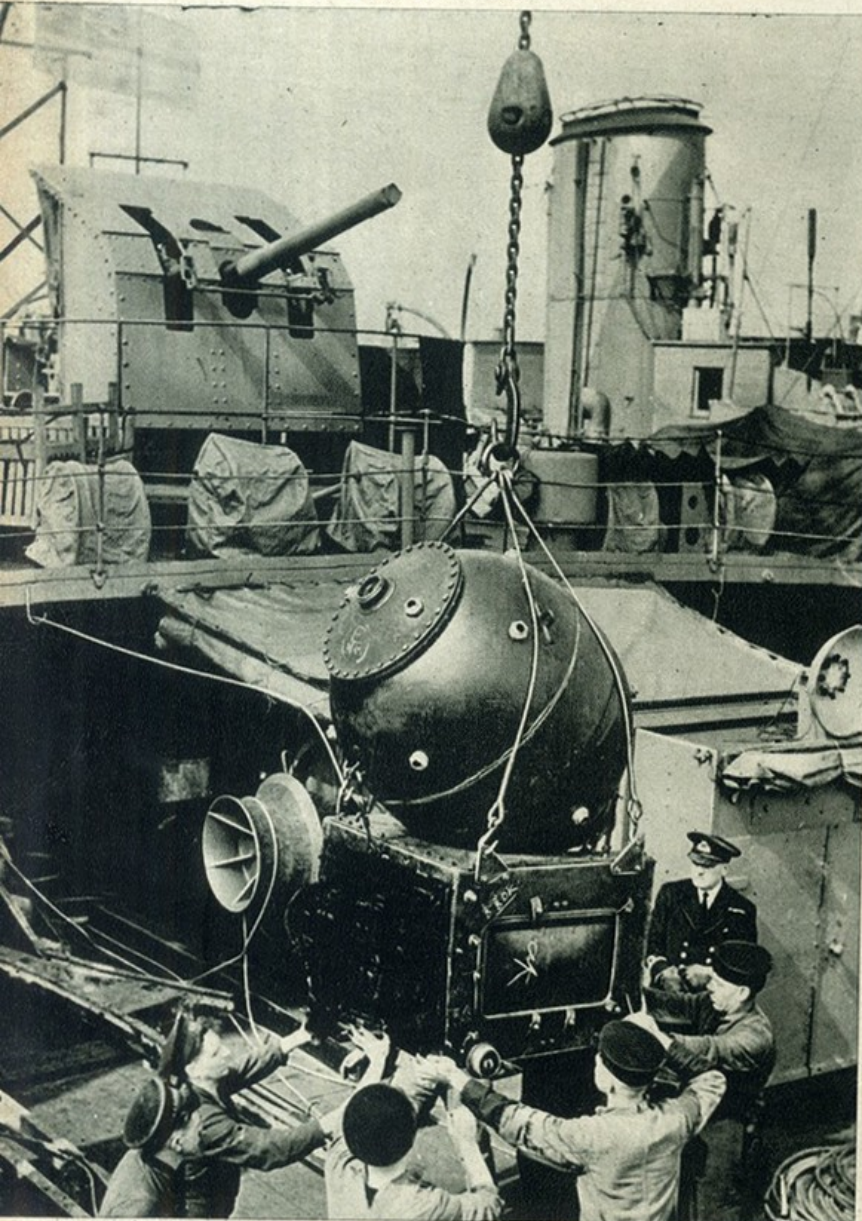
Na Líbia. Cercados por arame farpado, os soldados do general Rommel são agora prisioneiros deste bravo Tommie. Aguardam o momento de ser removidos para um campo de concentração



A aviação americana, que tantas vitórias tem obtido no Oriente, destroi, com uma admirável precisão, as docas de Rangoon, onde ficaram a arder os depósitos de carburantes



A poderosa aviação americana ataca no Extremo Oriente uma ilha que os japoneses ocuparam. Os efeitos do bombardeamento foram terríveis. À esquerda, eleva-se uma coluna negra de fumo, mastrando a precisão do ataque

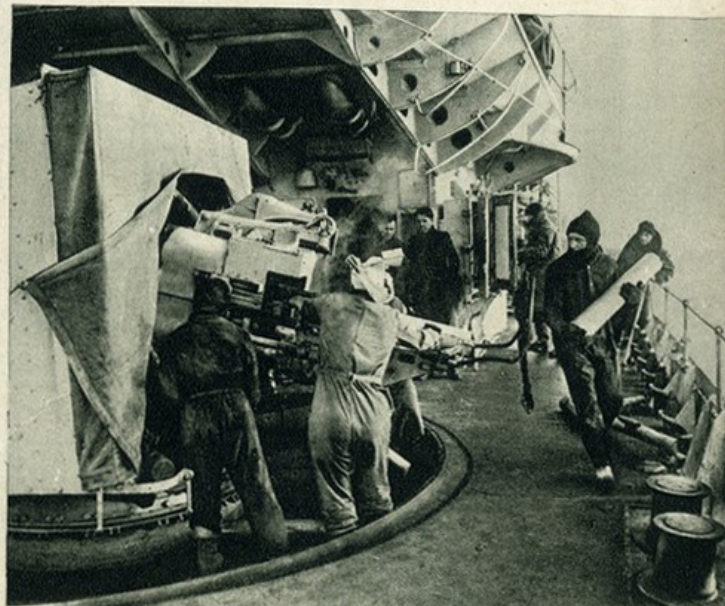


A poderosa marinha de guerra inglesa estrangula num anel de ferro os países do eixo". Os lança-minas vão até às águas territoriais do adversário cumprir, audaciosamente, a sua missão



Uma extensa fila de soldados alemães capturados na Frente Leste

A FRENTE DA VITÓRIA



Em plena acção. Um destroyer inglês faz fogo com os seus canhões sobre o inimigo. Observa-se a serenidade dos marinheiros da Royal Navy



Os famosos comandos ingleses que tantas golpes têm vibrado ao inimigo. O major Lord Lovat dando as suas ordens antes dum "raid" à costa francesa



A bordo de um navio mercante dos Estados Unidos, no Atlântico. Um canhão fazendo fogo sobre um submarino alemão, que pretendia atacá-lo. O inimigo foi rapidamente afundado



Todavia, não se é toureiro pela simples razão de se lidar com o gado bravo. Há escolas que fazem artistas, disciplinando a sua vocação e ensinando-lhe uma arte que é bem difícil. Há em Lisboa uma velha e afamada aula de touromaquia. Fica num recanto solitário da velha Lisboa, à entrada de S. José. O redondel é um quintalório, largo, todo cheio de pitoresco, com uma mancha vermelha de sardineiras a lamber-lhe o muro. Sem senhas de claque, a «aficion», por cima de bancos, entusiasmada, berrando, palmeia duas farpas bem metidas no cachaço ou um passo de muleta, elegante, donairoso dos bons tempos. Pelas janelas, nas trazeiras, quando a escola funciona, é divertimento que se não dispensa. E o povoleu, amigos ou conhecidos dos amadores, assiste, com entusiasmo, como se estivesse na praça. Claro, os rapazes criam ânimo, atirando-se ao suposto touro, com bravura verdadeira. Mestre Luciano Moreira, toureiro de aprimorada escola, cu jo nome anda ligado a tantos triunfos, dirige, com a sua experiência, os passos indecisos dos noveis aficionados.

Empolga, realmente, ver o seu entusiasmo, correndo, gritando, como se estivesse na praça. Ora uma «verónica», ora um «passé natural», e logo atitude correcta de estatuária que subjuga o toiro e domina as multidões. A «toirinha» — é um animal de madeira. Tem as hastes afiadas, desliza sobre uma roda, empurrada. Mas, apesar disso, mais perigosa para os rapazes, que as vacas em festas de beneficência... Alguns deles já trabalharam em público — e não será ousado dizer que são dos melhores amadores que nós temos.

Agora é um rapaz desempenado que salta sobre a «toirinha» numa garbosa pega. Duma das janelas, uma rapariga grita: Bravo! Tudo isto tem o seu quê de curioso. Quem sabe se entre estes modestos rapazes operários de profissão e nas horas livres amadores da festa brava, tão portuguesa, não existirá algum que ainda venha a eclipsar o Jorge Cadete ou o Manuel Peixinho?

M. M.

A «tourinha», conduzida por mestre Luciano Moreira, «investe» com o «espada» que a passa de capa

FARPAS e BANDARILHAS

A festa brava é um espectáculo de vibrante emoção. Em tardes de sol, frementes de entusiasmo, o toureiro desce à arena para jogar, numa garbosa luta, picado pela ovação, a própria vida. O seu destino anda nas hastes da fera. A destreza, a valentia e a nobreza que fizeram de Gallito um dos maiores diestros, são as armas que levam ao triunfo. Os toureiros vêm quasi todos das trabalhosas faina de gados. Muitos deles foram guardadores, campinos. Conheceram logo na infância o espectáculo vivamente colorido das manadas, da braveza dessas correrias pelas lezírias, jaleca dependurada, barrete ao vento e pampilho em riste...



A atitude clássica de um grande toureiro. É assim que eles se fazem



O «diestro» cinge-se às hastes do «touro», num perigo que podia ser verdadeiro

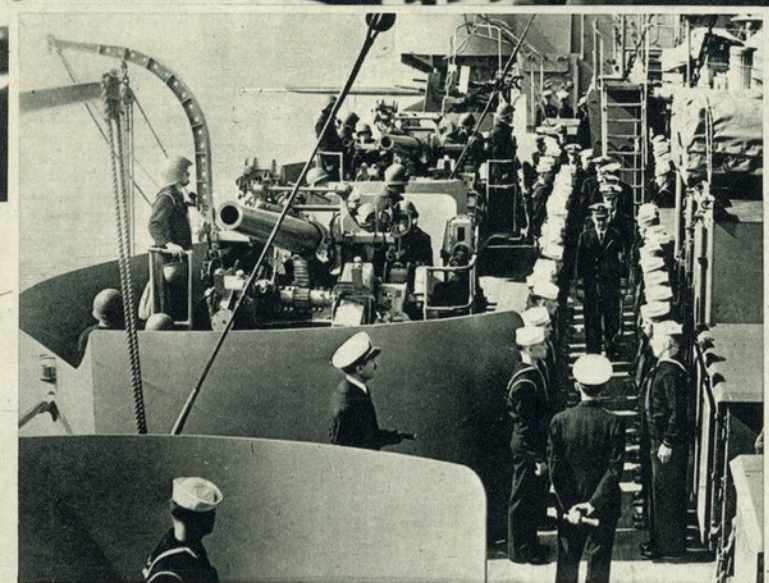


Um esplêndido passe de muleta. Melhor do que isto só o «Minuto»

PELA LIBERDADE DO MUNDO



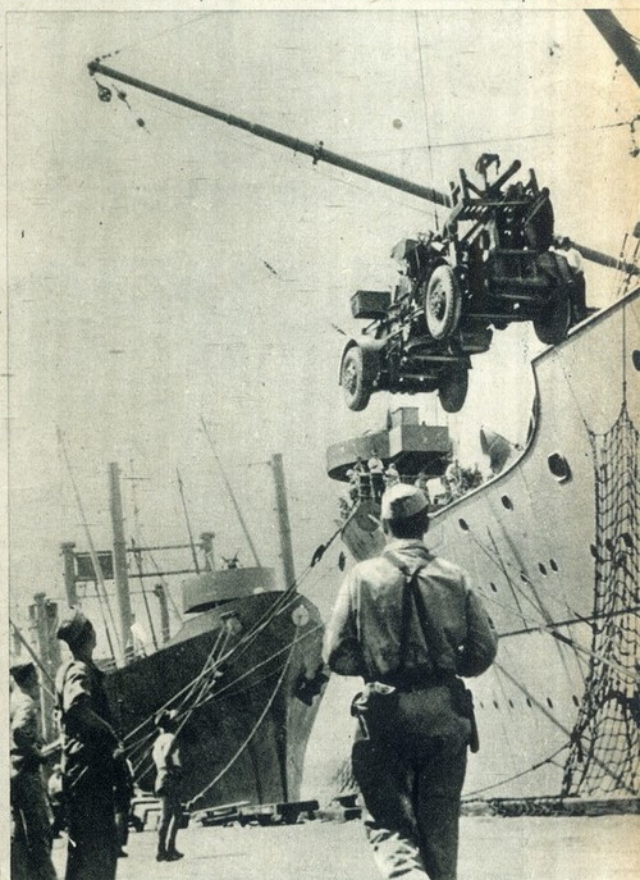
Tio Sam na Austrália. A fraternidade de armas é completa entre americanos, ingleses e australianos. Marinheiros "yankees", com um avião australiano, em Melbourne. O sorriso da aliança e da vitória.



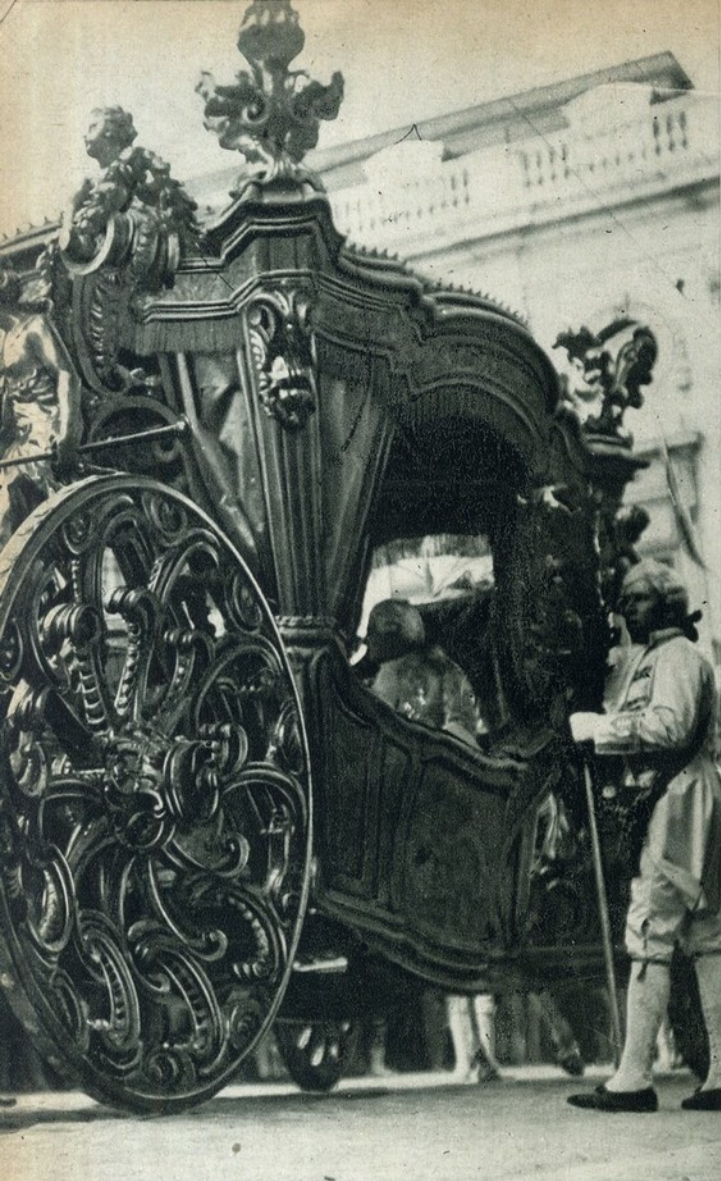
A esquadra americana no Atlântico. Estes poderosos canhões proclamam bem alto a decisão da grande República dos Estados Unidos de vencer o "eixo."



O exército americano está agora em todos os continentes. Milhares de soldados dos Estados Unidos, num caudal inexaurível, atravessam o Pacífico para defender a Austrália e o Atlântico para a libertação da Europa. Um desembarque num porto da Oceania



Só os Estados Unidos já hoje produzem o dobro de aviões construídos na Alemanha, Itália e Japão. A torrente de armamentos americanos pode considerar-se invencível



Um dos mais lindos coches que estão no Museu de Belém

MUSEU DOS COCHES

DIR-SE-IAM que estes lindos coches de gala e de estado, uns com as cortinas cerradas, como que guardando ainda as recordações duma aventura galante, outros magestosos, na sua grandeza realenga, continuam a rolar nas duras calçadas de Lisboa, num clarão deslumbrante do que foi, em Portugal, o século XVIII.

E' uma página de evocação que se anima doirada e rutilante.

Na sua imortalidade de museu, esta galeria de coches, seges, estufins, liteiras, cada uma com o seu uso, a sua época, a sua utili-

dade, que transportaram reis e princesas, diplomatas e generais, açafatas e peralvilhos, foram a sarau e a recepções na cõrte, bateram para Odivelas levando D. João V, com longas horas de espera, e figuraram em festivos cortejos — ressuscitam numa das épocas mais brilhantes e animadas da nossa história. Estão intactos, por milagre, tal qual, com as suas talhas doiradas, as suas colunas frágeis, as suas figuras simbólicas, trabalhadas por goivas de requintados artistas, em filigranas de apurado capricho.



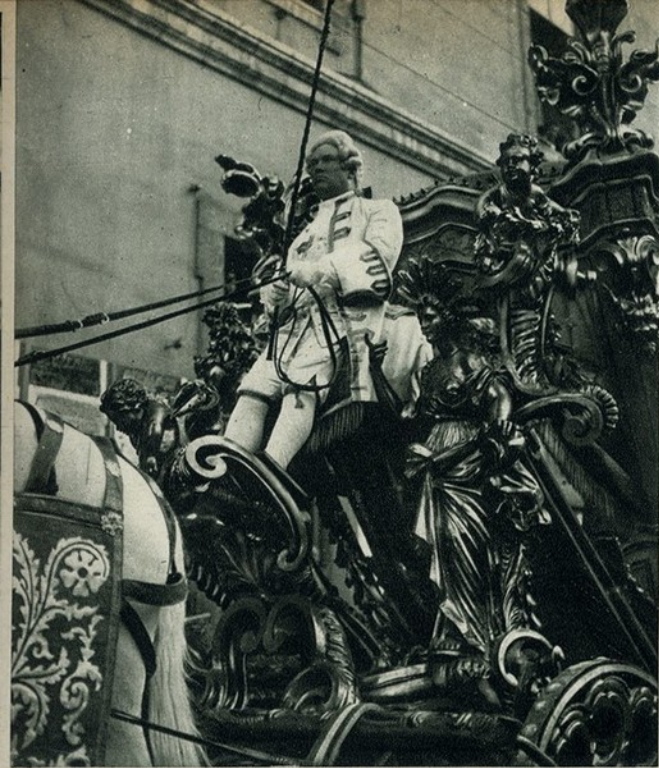
Uma figura galante que evoca o reinado do Magnânimo

A sua architectura aérea, por vezes, tão subtil nos ornatos, sumptuosa de folhagem, e de frutos, de motivos bizarros e de braços de nobreza, ora lembra um escrínio oirescente, guardando — a visão que evoque! — uma destas belezas, donairosas e morenas, que foram o romance dos nossos avós, ou, então, brincada nos seus labores por uma sumptuária apaixonada, um diadema faustoso e deslumbrante.

Como deviam ser lindas as sécias empoadas, empluma-



O chamado moço de tábua do século XVIII



O cocheiro, de casaca côr de rosa e cabeleira empoadada, guia a magnífica berlinda

das, mosqueadas que, entre as cortinas de damasco, escondiam o seu gracioso sorriso sob as varetas dum leque, ou graves e distantes, os embaixadores que iam entregar as suas credenciais ao Paço da Ribeira!...

O nosso museu dos coches é o mais belo do mundo!

Deve-se à rainha D. Amélia a sua organização inicial ou, pelo menos, a sua criação, acautelando estas maravilhosas carruagens, a maior parte das quais veio dos palácios da Casa de Bragança, ou era pertença do estado.



Um coche armoriado e pintado que transporta uma dama da côrte



Um sumptuoso coche do tempo de D. João V com as suas figuras alegóricas



Nesta carruagem sentaram-se os reis de Portugal

FIGURAS E FACTOS



Na Escola do Exército realizou-se uma sessão de homenagem à memória de Caldas Xavier. O sr. almirante João de Azevedo Coutinho discursando



O sr. dr. Joaquim Manso, ilustre Director do «Diário de Lisboa», pronunciando, na Sociedade de Geografia, a sua notável conferência sobre Olavo Bilac



O ilustre crítico de arte inglês sr. dr. Thomas Bodkin pronunciando a sua conferência no Museu de Arte Antiga



Um aspecto da chegada a Lisboa dos funcionários diplomáticos e consulares norte-americanos nas nações do «eixo», de regresso ao seu país



Uma delicada escultura de Anjos Teixeira que está no transepto da Sé

SANTA MARIA "A GRANDE", da Sé de Lisboa será de origem inglesa?

É rude, bárbara, pintalgada como uma caricatura, mas é bela na sua disformidade esta escultura quinhentista, em pedra, que represente Santa Maria, chamada «a grande» ou «de Bettencourt», da Sé de Lisboa. Teve o seu trono e a sua devoção. Por ser «a grande» interpretavam-na como Santa Maria Maior, orago da Basílica. Veio de longe. A tradição, que é escritura, dá-a como da cidade de Bettencourt, na Normandia, vizinha da costa inglesa. Teria sua origem na própria ilha grande da Bretanha, esculpida por algum artista do tempo de Henrique VIII, sagrada pela mão de algum bispo inglês que não chegou a conhecer o anglicanismo da Rainha Isabel, e foragida na Normandia por amor da liberdade católica. Trouxe-a para Lisboa Martim Afonso de Sousa, nascido no alvorecer de quinhentos, moço companheiro do príncipe D. João, e que conheceu o exílio — e, lá, Santa Maria «a Grande».

Na Sé de Lisboa, cujo bispo foi o inglês D. Gilberto, de Hastings, é que ela, a escultura inglesa ou normanda, ficava bem. Hoje foi deposta; faz companhia a um D. Sebastião, de anónimo escópro, e a duas preciosas esculturas de Teixeira Lopes. O bárbaro ingênuo acompanha o amaneirado formosismo.

A Sé tem, contudo, agora, uma escultura nova, a única imagem que existe no augusto templo românico. Outra Santa Maria, Nossa Senhora, «grande» também obra de um escultor há pouco falecido, Anjos Teixeira, a



S. Sebastião e um dos Apóstolos. Duas expressões religiosas e dois estilos de arte

qual ocupa desde há meses — e eis uma novidade para meia Lisboa — à ilharga direita no arco triunfal românico. Não leva meio século; data de 1909, ano em que a escultura venceu o concurso para o monumento à Imaculada Conceição. Alva e docil, Santa Maria do cinzel do escultor de Sintra, evoca neste século do neo-realismo dissolvente, aquela primitiva Santa Maria diante da qual se postava um menino chamado Fernando Bulhões, e que foi Santo António de Lisboa, imagem que, por muito que recue a que trouxe em quinhentos o pagem de lança da casa ducal de Vila Viçosa, não pode ser a da Normandia, hoje quadrada no Claustro ogival.

A escultura de Anjos Teixeira envolve-se na mística do transepto, de luz coada pelos vitrais dos janelões geminados. A escultura quinhentista — pobre ruína, entrada de tintas — apodrece na consumição salitrosa, à luz de ouro da crasta, coada por rendas de pedra.

Norberto de Araujo



A imagem de Santa Maria, «a grande», trazida da Inglaterra



Cinco horas. Uma escolha difícil

COMO ELAS SE VESTEM

SAIU de casa por volta das três. Esteve ainda uns minutos hesitante, ao telefone sem saber se devia ou não recusar o inesperado e tentador convite de uma amiga para assistir a um «garden-party», no Estoril.

Obedecer à moda, porém, é uma escravidão que lhe sabe bem. Quantos vestidos vai escolher? Dois, três? Respira com prazer a atmosfera e parece-lhe que o próprio ar resende o jardim. Atravessa o Rossio e atarda o passo. Nuvens de galanteios bel-



No atelier da modista



Este vestido negro é um modelo de elegância

jam-lhe os ouvidos. E, como já esteve em Londres, antes da Guerra, estabelece mentalmente uma composição entre os londrinos e os lisboetas. Estes — conclue — não sabem andar nas ruas. Parece, até, que vêm dormir para os passeios...

Entra na modista, repetindo a si própria aquela pergunta: «Quantos vestidos vou escolher?» Em princípio, escolherá apenas dois: um, para de tarde; outro, para a noite. A encarregada recebe-a com franca e serena amabilidade: «Chegou exactamente à hora, «madame». Ah! Perdão... «mademoiselle». Paga com um sorriso a apressada rectificação. Não é ainda «madame», nem mesmo em pensamento. Ela mesmo costuma dizer que o casamento é uma tolice que só se desculpa na mulher de quarenta anos... Entra, por fim, no salão de passagem de modelos. Senta-se. Surgem os primeiros manequins vivos, exibindo as últimas novidades. A modista, a seu lado, cita o nome de cada «toilette» e faz o seu elogio. De começo, fica hesitante. Não sabe bem por qual se decidir. Gosta mais deste do que daquele, mas talvez os comprasse todos se... Bem. Foge para os tons discretos, que não prejudiquem o seu rosto claro, muito branco. Escuta o preço de cada vestido. Sim, são caros. Ainda bem. Ela não compraria nunca um vestido barato... Escolhido o de tarde, volta-se para o de noite. A modista aconselha: «Este, branco, tronco liso, com um decote pronunciado. Não lhe parece, «mademoiselle»? E' a moda...» Sim, ela concorda. Mas acrescenta, que quer folhos, na saia, à frente e atrás, pois sabe que, assim, o seu corpo ganhará uma «altura» princepsca. Pronto? Ainda

(Continua na página 30)



Todo o Império está unido. O Rei e a Rainha de Inglaterra, entre os seus bravos canadianos, que delirantemente os aclamam, durante uma revista, em "qualquer parte," na Gran-Bretanha

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

NO fim de tudo eu ia encontrar-me com Kitchener. Ficaria surpreendido quando me visse? Ficaria aborrecido? Seria capaz de me dizer: «Que vem o senhor aqui fazer?» Receber-me-ia com uma indiferença desdenhosa? Ou contentar-se-ia em escutar o meu relatório sem perguntar o nome do oficial encarregado de o fazer? Não podia, em qualquer hipótese, encontrar-se um pretexto melhor para me abeirar daquele grande homem. Eu ia anunciar-lhe que o exército inimigo estava em marcha. A idéia d'êste encontro interessava-me e excitava-me tanto como a idéia da batalha. As conseqüência que êle podia trazer não me pareciam menos interessantes.

(Continua na pág. 29)



Os "comandos," são hoje uma escola de heróis. Durante um exercício em Inglaterra, em que êles vencem todos os obstáculos de terreno, tal qual o fizeram em Saint-Nazaire



O último discurso de Churchill é sempre o melhor. O que, porém, êle pronunciou em 10 de Maio pode considerar-se a primeira mensagem da vitória. Ei-lo entre os "comandos," que tantos raids têm feito aos países inimigos

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

COLEÇÕES DA PRIMAVERA

Embora numa forma reduzida, as casas criadoras da moda continuam a apresentar as suas colecções.

Pelos ecos que nos chegam, podemos ficar com algumas idelias.

Assim:

Worth — Os casacos de viagem têm muita roda, sendo presa atrás por um pequeno cinto com fivela de palha. Os *tailleurs* de manhã são compridos e têm macho nas costas; os de tarde apresentam dupla aba na frente. Nos vestidos de chá, a roda é lançada para trás em franzidos e pregas; as mangas são volumosas, ou compridas ou acima do cotovelo. Muitos bordados, principalmente nos vestidos de noite em que figuram as *paillettes* e as contas. Nos *tailleurs* vêm-se muitos tecidos de fantasia e para a noite: renda, tule e pesado crepe.

Paquin — Cultivando o clássico, mostra os *tailleurs* nitidamente masculinos, com saia alargando levemente, blusa branca ou petilho de piqué engomado. Têm encanto os vestidos *deux-pièces* interpretados muitas vezes em dois tons diferentes: por exemplo, saia e capa em tom claro com blusa escura ou um casaquito curto em perfeito contraste com a saia. Os vestidos de tarde apresentam roda nas ancas, que continuam a ser amplas. Dominam o azul-marinho, o cinzento com branco e o escocês. Para a noite, os seguintes tecidos: tule, *faillie*, renda, cetim-crepe em lindos *drapés* de antigo estilo.

Molyneux — Nos *tailleurs*, os casacos são compridos, ou muito justos e com a aba fendida e abotoados nas costas ou de aba franzida e com saia plissada. Muitos casacos de cores vivas acompanham vestidos pretos, os quais já não têm os ombros tão masculinos — arredondam naturalmente. Vêr-se-ão casacos compridos, de feltro *redingote*, justos feitos em crepe estampado e acompanhando vestidos escuros — novidade que virá revolucionar a moda dos casacos de tarde.



A estilização do «fez» nos chapéus modernos.

Conselhos de Beleza

Pele oleosa e pontos negros

Comer alimentos temperados com limão e beber limonadas. Friccionar localmente com uma mistura, em partes iguais, de álcool e éter. Ou então:

Vinagre aromático.....	100,0
Cânfora	10,0
Água de flores de laranjeiras ..	10,0

Conservação da cabeleira loura, infantil

Lavar com o seguinte:

Macela.....	60 grs.
Água	1 litro

Rugas nas mãos

Untar todas as noites com o seguinte, em partes iguais: Vaselina, lanolina e glicerina ao que se junta álcool fenolado, na proporção de 5%.

Isto e Aquilo

Em Londres, a mais antiga companhia de seguros, marítima, era inflexível neste ponto: não empregava mulheres nos seus escritórios. Mas, devido à guerra, muitos empregados, *liftman* e *grooms* partiram. Não houve remédio senão admitir o «sexo frágil». Que a *Lloyds* nunca diga: desta água não beberel...



Os sapatos agora são mais simples e mais cómodos e têm um aspecto utilitário

CASA QUEY

MEIAS — STOKINGS — BAS

VER-O-FIL

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

Rua Ferpa Pinto, 19

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 25)



Não eram, decerto, menos importante do que a presença do inimigo na nossa vizinhança.

Depois de ter observado conscienciosamente e escutado o que podia oferecer qualquer interesse, parti a trote para cobrir as seis milhas de deserto que separava a cavalaria avançada do grosso das tropas. O calor era terrível. Como tinha a certeza de que combateria a cavalo durante a tarde tratei de poupar a minha montada.

Gastei quasi quarenta minutos para chegar junto da infantaria.

Parei uns instantes para que o cavalo pudesse descansar. Contemplei a cena do cimo duma coluna rochosa donde se avistava um extenso panorama. O espectáculo era magnifico. O exército anglo-egipcio avançava, em ordem de batalha. Cinco sólidas brigadas, cada uma delas com três ou quatro batalhões de infantaria, caminhavam em colunas distantes ao longo do curso do Nilo. Atrás daquelas enormes massas de soldados, seguiam longas filas de peças de artilharia seguidas por caravanas intermináveis de camelos que transportavam munições. No rio, paralelamente à brigada principal, movia-se a massa dos barcos à vela com pesadas cargas que os barcos a vapor rebocavam. No flanco do deserto, apontados ao inimigo, viam-se doze regimentos de cavalaria egipcia, distantes uns dos outros, com a missão de auxiliar os postos avançados. Mais longe, quasi na linha do horizonte, desenhavam-se as manchas escuras dos camelos que fechavam o panorama dilatado.

Depois de deixar descansar o cavalo, porque não queria que êle chegasse cansado, dirigi-me para o centro da infantaria. A frente dela vi logo um grupo de cavaleiros que cercavam um estandarte vermelho. Aproximando-me vi a bandeira do Reino Unido ao lado da bandeira egipcia. Kitchener, a cavalo, avançava sozinho, seguido pelo seu estado maior. Os porta-bandeiras vinham atrás dêle. Os officiaes mais categorizados seguiam ainda um pouco atrás. Era tal qual como eu tinha visto em gravuras.

Aproximei-me mais e puz o meu cavalo junto do «Sir-dar». Era a primeira vez que me aproximava dêsse homem notável, já nesse tempo muito conhecido e cuja fisionomia havia, mais tarde, de se tornar familiar a todo o mundo. Voltou-se para mim, com um ar muito sério. Tinha um bigode espesso. Os olhos eram estranhos. As maçãs do rosto salientes e o queixo avermelhado produziam, em que se aproximava dêle, uma grande impressão.

«Senhor, disse eu. Venho como official do 21.º de lanceiros, fazer uma comunicação». Fêz-me sinal para continuar. Descrevi-lhe a situação, em termos que estudara durante o caminho por forma a fazer um resumo claro e elucidativo. O inimigo estava à vista. Aparentemente era numeroso. As forças mais importantes de que dispunha encontravam-se, a sete milhas, em linha recta, entre as nossas posições e a cidade de Omdurman. Estivera parado até às onze horas. Puzera-se em movimento havia quarenta minutos. Caminhava, agora, com rapidez.

Escutou silencioso, o que lhe disse. Os cavalos escarvavam o chão. Caminhávamos, ao lado um do outro.

CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

★ *AO considerar os acontecimentos que se estão desenrolando na frente Leste, as primeiras perguntas que occorrem formular são as seguintes: Estamos já em presença da anunciada ofensiva da Primavera? Ou as operações que se estão desenrolando constituem simples actos preliminares dum ataque decisivo de grande envergadura? Em Berlim começa a falar-se da ofensiva de verão querendo, com esta expressão genérica, abranger o conjunto de iniciativas militares que devem prolongar-se entre as duas campanhas de Inverno. O último discurso do Führer fornece, a esse respeito, elementos de informação valiosos que foram devidamente considerados em ambos os campos.*

Os preparativos feitos dum e doutro lado atingiram já grande amplitude, pelo que diz respeito ao material. Sabe-se, por exemplo, que os alemães acumularam vinte e quatro a vinte seis divisões blindadas com um total de doze a treze mil carros para as acções que o seu comando prepara. Entretanto, as informações com origem em países neutros, calculam em cerca de um milhão de homens os efectivos concentrados pelo marechal Timochenko para a acção que empreendeu na região de Kharkov. Do lado alemão, há quem considere que serão utilizados umas duzentas a quatrocentas divisões (das quais cento e trinta de primeira linha). Num discurso que recentemente proferiu, o Primeiro Ministro inglês declarou que não havia, por enquanto, noticias de se estarem realizando ali as grandes concentrações de tropas alemãs que costumam proceder as ofensivas da Wehrmacht geralmente desencadeadas nesta quadra do ano.

Os fornecimentos feitos pelos países anglo-saxónicos, e particularmente pela Gran Bretanha, a fim de auxiliarem o exército russo, constituem um factor de importância capital para o decurso dos acontecimentos na frente Norte. O major Attlee re-



O almirante Stark, comandante-chefe da esquadra norte-americana no Artico, que está comboiando os navios mercantes que transportam material dos Estados Unidos para Murmansk

(Continua na pág 29)

13 de Junho
(DIA DE SANTO ANTÓNIO)

Grande sorteio de
INVÁLIDOS DO COMÉRCIO
ORGANIZAÇÃO DA
COMISSÃO DE PROPAGANDA

PRÉMIO

1 Fourgonete
CHEVROLET

utilitária completamente nova
Master de Luxo, Sedan Delivery

Bilhetes 10\$00

RUA DOS FANQUEIROS, 221-2.º

À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS

fabrico manual de
calçado de luxo

da
m.abel,

Garrett, 44

■ LISBOA ■

telef. 27073

O TELEGRAMA

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

ERA domingo e, por isso, deixou-se ficar na cama até mais tarde. Porém, não gostava muito desse descanso. Preferiria antes que fosse dia da semana e a escola estivesse aberta. Tinha amor às crianças a quem ensinava as primeiras letras. Constituíam toda a razão da sua permanência naquela pequena aldeia de pescadores. Tinha a razão?... Evitou de dar, a tal respeito, sincera resposta a si própria.

Acabava ela de completar vinte e dois anos quando lhe arranjaram o lugar de mestra, naquele lugarejo piscatório. Durante semanas, hesitou. Tendo vivido sempre na sua vilória, entre uma sociedade casquilha quasi toda constituída por parentes seus, pouco lhe agradava ir apodrecer numa povoação afastada léguas e léguas de distancia. Orfã de pais, e vivendo a expensas do avô, não podia, podia, porém, deixar de pensar no seu futuro. Decidiu-se, corajosamente. De resto, não havia tirado o curso, para guardar simplesmente o diploma numa gaveta.

Chegava montada num gerico. Ao cabo de onze arrastadas horas de viagem, com os olhos magoados de chorar, no adeus ao velho que a ajudara a criar e tanto se esforçara por culdar-lhe da educação, Maria Cecilia trazia mais o desejo de um bom sono, reparador e reconfortante, do que a curiosidade de admirar o povoado onde ia, agora, decorrer a sua existência. Mas, ao ver o mar, espectáculo que a primeira vez presenciava, como que acordou da sua fadiga e uma serena e prazenteira alegria a invadiu toda.

MARIA Cecilia ouviu bater à porta da sua e suspendeu a saudosa jornada pelo seu passado. Lançou em voz alta uma pergunta, que saiu do quarto atravessou a sala de aulas e entrou nos ouvidos da mulher que estava lá fora. Era uma velha, curvada, rosto encarquilhado, toda vestida de preto. «Sou a Covelas!...» A professora, então, saltou imediatamente da cama, envergou uma bata de flanela estampada e foi atender a visitante. Certamente, vinha pedir-lhe uma esmola, como de costume.

— Então, «tia» Covelas, tão cedo por aqui?

— Desculpe, minha menina... Mas, a Jacinta, a mulher do Januário, foi quem me pediu para vir saber se há algum correio para ela...

— Não, não tem nada. Ela esperava carta?

— Bem vê, menina. O Januário anda no mar, à pesca, sabe Deus onde, e ela queria-o cá, hoje, sem falta...

— Alguma festa de família, «tia» Covelas?

— Boa festa, menina! A Jacinta vai ter um filho, o seu primeiro filho.

— Ah!

E, Maria Cecilia sentiu-se contrariada com a novidade. O filho da Jacinta, o filho que ela ia dar à luz, parecia-lhe significar um roubo ao seu próprio destino. Dominou-se, porém, e escondeu da velha a sua amargura. Pediu-lhe que esperasse um bocadinho, foi à cozinha, e voltou imediatamente, com um grande bocado de pão.

— Tome para vocemecê, «tia» Covelas. Logo, quando chegar o correio, se vier alguma coisa para a Jacinta, eu mandarei lá...

— Obrigada, menina. Deus lhe pague, menina.

Ficando só, Maria Cecilia quis fugir daquele pesar que lhe carregava o coração. Tratou do seu pequeno almoço, mas por

fim, mal lhe tocou. Tinha-lhe desaparecido o apetite. Atravessou a sala de aulas e, olhando para o canto, onde estava instalado o telégrafo, parou um instante a fitar, amargamente, aquela aparelhagem. Mentalmente, censurou a si própria haver tomado conta da secção de correio. Que lhe importava a correspondência dos pescadores? Que lhe importava que as mulheres, quando os maridos andavam nos barcos, longe, à pesca, durante semanas, se lastimassem por falta de notícias? Fora bem toda, bem toda, em reclamar para aquela aldeola um posto telégrafo-postal. De princípio a administração dos correios negara deferimento à petição, acrescentando que não havia verba... Porém, Maria Cecilia insistira, insistira, aduzindo que se tratava duma urgente necessidade de serviço público, duma reclamação legítima e humana. Por fim, a administração acedera, mas com a seguinte condição: as funções de empregada de correio não tinham vencimento. A professora, indiferente a novos trabalhos e responsabilidades pensando só nos interesses do pequeno mundo de pescadores que a cercava, aceitara, radiante, essa condição. As mulheres, velhas e novas, vinham, ali, ou procuravam o padre Silvestre, para que lhes escrevessem ou lessem as cartas dos seus homens. Vivendo simplesmente, no amor e no ódio do mar, pão e túmulo dos seus, essas pobres falavam mais com soluços, lágrimas e orações do que com palavras, mas, Maria Cecilia sabia traduzir fielmente os seus pensamentos. Diziam mesmo que a «senhora professora escrevia cartas que faziam chorar as pedras!...» Almas simples, os pescadores e suas mulheres. A meio da tarde, quando chegava da vila bifurcado num jumento, o velho Mengufe, com o saco do correio, logo elas ali acorriam, à procura de notícias. Vinham também os velhos, que já não tinham braços fortes para os remos nem para as rédeas, e os netos, miudos descalços e traquinas. Preguntavam por carta dos filhos e pais. Na maior parte das vezes o saco trazia só o jornal para o abade. Todos, voltavam tristes às suas casas. Só de longe em longe, chegavam muitas cartas, anunciando pesca abundante, regresso próximo, e com a ajuda de Deus, abençoado de felicidade. Maria Cecilia gostava de ver os pescadores em terra. Na pequena aldeia, respirava-se então, como que maior tranquilidade e alegria. As mulheres casadas e as raparigas faziam o seu trabalho a cantar. A princípio, quando isso sucedia, ela dava, de noite, passeios pela praia e deleitava-se a ouvir os cavadores do mar nas suas dolentes guitarradas. Numa dessas noites, conhecera Januário, o mais forte e esbelto pescador. Amara-o em silencio, em segredo. Esperava-o, ansiosa, no regresso de todas as viagens. Passaram-se alguns anos. Ela, tímida, não lhe falava nunca na sua ardente paixão. Aguardava que ele o fizesse. E ele, realmente, fê-lo um dia, mas para lhe anunciar o seu breve casamento com a Jacinta...



A O declinar da tarde, chegou o Mengufe, com a mala do correio. Logo metida da aldeia correu para a escola: «Menina Cecilia, há alguma coisa para mim? Senhora D. Cecilia, tenho carta?» Cada pergunta equivalia a uma súplica. A professora meteu a mão no saco e nada encontrou a não ser o matutino do sr. abade. «Não há nada... Não tendes nada». A voz de Covelas fez-se ouvir, então, lá do fundo do ajuntamento:

— E, para a Jacinta, menina? Não há nada do Januário?

— Não. Também não.

— Coitada da Jacinta! — gemeu a velha. — A pobrezinha já está com as dores...

Afastavam-se todos, homens e mulheres, passos arrastados, olhos no chão, vergados de melancolia.

Ao contrário de tantas outras vezes, Maria Cecilia não lastimou, de si para consigo, a falta de correio para as mulheres dos pescadores. Saboreou, até, e secretamente, um misterioso prazer em que isso houvesse sucedido. O ciúme picava-a. A Jacinta ia ter o filho, sózinha, longe do seu Januário...

Nesse instante, porém, souo o sinal do telégrafo. Maria Cecilia sobressaltou-se. Seria aviso do próximo regresso de Januário? Sentou-se e, muito inquieta, começou a receber o despacho telegráfico. E, à medida que ia lendo os traços e os pontos, a sua inquietação aumentava. aumentava cada vez mais. Quando chegou ao fim, como se não acreditasse nos seus próprios olhos, leu ainda uma vez o telegrama: — Barco «Estrela do Mar» naufragado. Morreu toda tripulação.

Maria Cecilia tinha agora os olhos rasos de lágrimas. «Estrela do Mar» era o barco de Januário. Com o telegrama na mão, perguntava-se a si mesma se devia dar ou não imediatamente a terrível notícia à aldeia. Optou, por fim, por demorar-lhe até o dia seguinte. Procedia, assim, principalmente por causa da Jacinta. Que a desgraçada deitasse o filho ao mundo sem saber que tinha ficado viúva.

LITERATURA INGLÊSA

JOHN MILTON

ESTA MUDANÇA SURPREENDENTE



EM 7 DIAS APENAS

Fotografias de Mlle. D. Bramalle

Parece inacreditável mas EXPERIMENTE O PESSOALMENTE!

Numa semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadas, livraram-se das suas rugas — rejuveneceram muitos anos. Restitua à pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pele tornar-se-á rapidamente fresca e jovem. «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon, Cór de Rosa, contem-o presentemente. Aplicado todas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, cor branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e aveludada e pele mais escura e mais áspera.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



ESTAS DUAS PASTILHAS acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? E' em 80 segundos a acidez é tomada pelas Pastilhas Rennie, dissolvendo lentamente na boca, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados deste tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem.

PASTILHAS

RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

QUANDO Milton entrou para o Colégio de Cristo, em Cambridge, onde se conservou sete anos, os seus condiscipulos trataram-no com tanto respeito como carinho. A sua beleza, a harmonia dos seus gestos e do seu espirito conquistaram-lhe profundas amizades.

Contudo, a integridade do seu carácter, as suas atitudes vincadamente varonis, e a rebeldia que era nele peculiar, desmentiam a designação que os condiscipulos lhe atribuíam. A tal ponto o seu temperamento era insurgente, que foi obrigado a abandonar por algum tempo a Universidade por ter mantido, com arrojada independência, acalorada discussão com um dos professores.

Milton proclamou e defendeu sempre o critério de que a educação da juventude deveria ser livre e clássica, e foi propugnador da liberdade de crendos, da palavra e da Imprensa.

Ainda quando escolar, compôs grande número de poesias e o úsculos, servindo-se, umas vezes, do latim; outras da lingua inglesa para sua realização formal. Entre as composições dessa época, salienta-se a notável «Ode à Natividade». Escreveu depois «L' Allegro» e «Penseroso», poemas de grande beleza artística, que exerceram funda influência na poesia bucólica do século XVIII; e ainda «Arcades» e «Comus», segundo o modelo das «mascaradas» italianas; «Lycidas», elegia pastoril, etc.

Em 1638 viaja por França e Itália e visita as principais cidades deste país. De regresso a Londres, escreve «Defensio Secunda», obra composta de sonetos, epigramas, canções, sátiras, nas quais se notam reminiscências dessa viagem. Também na Itália, encontrou, na opinião do critico francês Gouget, o motivo inspirador do «Paraiso Perdido», assistindo em qualquer cidade italiana a uma exhibição grosseira de teatro de «marionnettes» intitulada «O mistério da desobediência de Adão e de Eva». No entanto, outros dos seus comentadores tentam demonstrar que Milton, quando muito novo, fôra impressionado pela leitura da «Semaine ou Création du monde», de Guilherme Du Bartas.

Seja, porém, como fôr, o que é indubitável é que tanto os tóscos entremezes italianos, como a composição do poeta francês, não se podem comparar, nem de longe, à magnificência artística e à profundidade de pensamento da grande epopeia do poeta inglês.

Em 1643, Milton contrai matrimónio com Mary Powell, filha de um nobre realista do Condado de Oxford. Por dese-

melhança de educação e de sentimentos, Mary, ao cabo de dois meses de casada, regressa à casa paterna. Este acontecimento deixara na alma do poeta um tanto de aridez. A partir daquela data a sua vida espiritual parece tomar um novo rumo: as Musas não constituem já a preocupação dominante dos seus pensamentos. Há na sua vida como que uma incompatibilidade com a essência poética das coisas. Mas esse aleamento é simplesmente superficial.

Não obstante a rápida reconciliação, com sua mulher, Milton não pôde deixar de se preocupar com o facto, o qual lhe determina a publicação de um trabalho de critica intitulado «A doutrina e a disciplina do divórcio», obra que lhe mereceu violentíssimos ataques. Sem embargo, a todos os seus contraditores, Milton respondeu, em 1644, com o livro «Aeropagitica».

Quando Oliveiros Cromwell instituiu a República, proclamando-se «Lord Protetor da Inglaterra», Milton foi nomeado Maaistro e primeiro secretário do triunfador. Entretanto a efêmera República inglesa caia; mas Milton manteve inalteráveis, a despeito de dissabores e perigos, os seus princípios políticos, e por eles lutou até ao fim da vida.

Em 1652, o grande poeta perde sua primeira mulher; ficando-lhe dessa união três filhas. Em 1656 encontra em Catarina Woodcock a sua segunda esposa, que morre dois anos depois do casamento consorciar-se então pela terceira vez, em 1663, já cego, com Elisabeth Minshull, jovem de rara formosura que à época do casamento contava menos trinta anos do que o marido. A este propósito, alguns comentadores ligeiros entretiveram-se a divulgar uns ditos facécios nem sempre agradáveis para Milton. São, contudo, atribuições sem sombra de verdade histórica. Pois está provado por juízos de indiscutível seriedade, que Elisabeth Minshull foi esposa fiel e carinhosa que sempre honrou o nome do marido e lhe enalteceu a sublimidade do talento. Ela foi para o poeta cego uma ilusão de claridade no mundo de trevas dos seus olhos.

Velho, cansado, pobríssimo, cego abandonado pelos amigos, esquecido até pelas próprias filhas, que nem sempre lhe deram exemplos de ternura filial, o épico dita as últimas estrofes do «Paraiso Perdido», a maior epopeia escrita em lingua inglesa. O aparecimento do poema, em 1667, provocou um grande movimento de admiração em volta do seu nome.

Desde então, o poeta, que tinha vivido abandonado, sem conforto moral nem material, desprezado por todos, vê em



CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da pág. 17)

feriu-se recentemente ao volume d'esses fornecimentos e condições em que ele tem chegado ao seu destino. A rota do Arctico e a rota do Indico, de maneira especial a primeira, têm sido utilizadas em larga escala. Para as manter livres de submarinos e de navios de superficie em condições de atacar os comboios marítimos, as potências aliadas realizaram recentemente duas operações de envergadura. Os navios alemães «Tirpitz», «Scharnhorst», «Gneisenau» e os cruzadores alemães como o «Príncipe Eugênio» devid. à acção da aviação e da esquadra britânica têm sido impedidos de tomar uma parte activa nos ataques à navegação. Por outro lado a ocupação de Madagascar, desafiando a costa oriental do continente africano, representa uma garantia sólida de que a armada japonesa só difficilmente poderá agir, com liberdade de movimentos, nas rotas do Indico Sul e aquelas que praticamente são utilizadas pela navegação anglo-americana que demanda o golfo Persico. Assim a campanha de leste vai alargando o seu âmbito não interessando dizer apenas no dominio aero naval, apenas o que se passa no Báltico e no Mar Negro.

redor de si, após a publicação do seu poema, uma legião de aduladores — os mesmos que antes o haviam hostilizado e deixado só, entregue à miséria e ao seu sonho criador de poeta.

Milton, que nasceu em Londres, a 9 de Dezembro de 1608, e morreu na mesma cidade com 66 anos, foi sepultado na igreja de S. Gil, tendo-lhe sido erigida, mais tarde, em 1742, um momento na abadia de Westminster.

Um Formidável Engenho de Guerra

NINGUEM o ignora. Houve um homem, Alfredo Nobel que imaginou matar a Guerra, criando-lhe raios fulminadores, perante os quais os do próprio Júpiter não seriam mais do que irrisório brinquedo. Morreu desiludido porque o invento que concebera e realizara, longe de matar a Guerra, deu-lhe mais vida, mais força, mais dinamismo. Para alívio da consciência, oprimida pelas responsabilidades da sua criação de extermínio, com o dinheiro obtido com o dinamite criou os prémios da Paz. Nova desilusão o aguardaria, porquanto, das garras aduncas e sangrentas da água não saiu a pomba de brancura imaculada com o lendário ramo de oliveira no bico.

Nesta ocasião, grupos de sábios e de químicos ocupam-se febrilmente em dar vida ao terrível engenho de morte.

As investigações oferecem enorme perigo. A história lendária de Berthold Schwarz, ao preparar pela primeira vez, de colaboração com Satanaz, a pólvora do canhão, tem muitas probabilidades de se repetir em proporções inauditas. Basta que uma partícula encontre reservas de urânio e edifícios, aparelhos, operadores passarão a ser insignificantes partículas de pó, dispersas por violento tufão.

Foi no alvorecer deste século que Gustavo Le Bon publicou um livro, que hoje pode indubitavelmente classificar-se de profético—«A evolução da Matéria»—onde se encontram expostas as ideias de então acerca das recentes descobertas dessa polaca genial que todo o Mundo conhece por Mme Curie e sobre as consequências que dessas descobertas poderiam advir.

No livro em questão, ao procurar iniciar o leitor nos novos horizontes científicos, Gustavo Le Bon usava de comparações que ainda hoje conservam todo o seu poder invocador. Assim, o autor, para descrever o movimento das partículas encerradas num átomo, afirmava: «se se quizesse imprimir a uma bala de 15 gramas a velocidade das partículas intra-atómicas seria preciso meter na espingarda uma carga de 67.000 toneladas de pólvora. E, mais adiante, calculando a energia da dissociação duma moeda de 1 centímo, estabelecia que tal energia corresponderia à desenvolvida por 2.330 toneladas de carvão.

Nesse tempo, embora se pudesse calcular a energia da dissociação da matéria, era impossível executar a operação, reservada, julgava-se, a longínquo futuro.

Embora receando levar o leitor a um

campo árido, dir-lhe-emos saber-se que o átomo se compõe dum núcleo em volta do qual gravitam partículas de electricidade-electrona. Do número desta partículas dependem as qualidades de cada átomo. O hidrogenio, de todos os elementos químicos o mais simples, é formado por um núcleo e por um electron que descreve uma rosacea que nunca se fecha. No outro extremo da escala química encontra-se o urânio cujo núcleo é rodeado por um enxame de 92 electrons.

Até há pouco, o núcleo do átomo era misterioso e recalcitrante a toda a tentativa de rotura. Fortaleza inexpugnável, torre blindada, não havia meio de se dividir. A temperatura elevada, a pressão e a electricidade não conseguiram desagregar o núcleo. Do mesmo modo que o diamante só pode ser desgastado com o auxílio do seu pó se fracciona pelas partículas emanadas, dum centro de radiações penetrantes.

Por esta via indirecta, conseguiu-se dominar a resistência das forças internas e abalar a estrutura nuclear. Assim o átomo deixou, com propriedade, de ser átomo, porquanto o vocábulo grego significa impartível.

Hoje, a maior parte dos núcleos podem ser desagregados. Entre os elementos químicos, o urânio é aquele que mais facilmente se desagrega. Um corpúsculo estranho, batendo com grande velocidade no núcleo do urânio, arranca-lhe determinada partícula. Esta, projectada, por sua vez, sobre o núcleo visinho, executa a mesma operação de fragmentação. O fraccionamento, provocado pelo choque inicial, propaga-se através de toda a massa do urânio. Estas fragmentações sucessivas, tão rápidas que são simultâneas, desenvolvem enormes quantidades de energia e isto constitue o facto principal. A famosa energia intra-atómica que os físicos de ontem desesperavam de poder libertar, encontra-se hoje à sua disposição. Esta descoberta sensacional entrega ao homem acumulações gigantescas de energia que são inesgotáveis, pois os jazigos de urânio são ainda mais abundantes do que os lençóis de petróleo. Um exemplo simples fará avaliar o poder explosivo do urânio. Na Suíça, em 1939, a produção anual de energia de todas as quedas de água totalizou 8 bilhões de kilowatts-hora; cem quilogramas de urânio podem desprender uma energia muito superior, numa fracção de segundo. Calculem-se os efeitos destruidores duma tal explosão.

CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL



Trabalhos tipograficos em todo o genero

Agostinho e Villas Lda

largo bordado pinheiro 27,22,20 lisboa

TELEFONE 2 2333

Como elas se vestem

(Continuação da pág. 24)

não. A modista, excelente psicóloga, afirmava-lhe, agora, que a acha mais elegante, mais flexível.

Insinua-lhe, seguidamente, que devia comprar um outro vestido para a tarde. Como sabe que é bonita e gosta que lho digam, deixa-se convencer facilmente. Não, este não lhe agrada... tem folhos, em diagonal, no peito, do pescoço à cintura. Outro antes.

Esse prejudicá-la-ia muito no desenho do seio... Ah! Sim, este sim. E, agora, tira medidas, aceita sugestões e manifesta desejo, sobretudo urgência, pois tem reuniões e festas dentro de semanas...

Despede-se. «Então, posso contar com os vestidos na quinta-feira, daqui a oito dias?» A modista garante-lhe firmemente que sim. E ela volta à rua, a pensar na festa diplomática onde vai luzir a preciosa «toilette» de noite.

Vê as horas: são cinco. Dirige-se para uma casa de chá. E, termina a sua tarde, sorridente, feliz, com uma cigarrilha perfumada.

Um novo estabelecimento filatélico acaba de ser inaugurado

Foi a firma **MONDALCO, L.^{DA}** que tomou a iniciativa, preenchendo assim uma lacuna existente na nossa capital. O novo estabelecimento, situado na Rua Nova do Almada n.º 51, é diferente do que existia, vendo-se ali em exposição um grande número de séries tanto nacionais como estrangeiras, algumas de rara beleza. De linhas modernas, a forma como as séries estão expostas, deixa que o público as aprecie, facultando ao mesmo tempo uma apreciação rápida das emissões mais recentes



CINEMA

O TEMPO É DINHEIRO

EMPATE DE CAPITAL...

TAL como o cinema britânico, a quem a guerra deu um volume de prestígio e de dignidade que lhe valeu determinar o conceito de formação dum novo sentido plástico, o cinema americano, ou mais propriamente Hollywood, continua, cada vez mais robusto, a afirmar as suas fantásticas possibilidades de expansão, de inventar, de progredir e de atingir, pela energia do seu pragmatismo, o que a outras indústrias cinematográficas, menos ricas em valores materiais e em espírito de audácia, não foi dado conseguir: o domínio sem exemplo, na história humana, de todos os terrenos onde quer que fôsse possível instalar uma tela branca... A despeito da perda de alguns mercados europeus, agora sujeitos a um regime de ocupação, os produtores de Hollywood, que sempre detestaram as atitudes contemplativas, nunca se deixaram invadir pelo desânimo. A falta desses mercados significa para eles, agora, um empate de capital sem juro... Quando a guerra acabar, um e outro, que totalizarão muitos milhões de dólares, serão recuperados sem qualquer espírito de ameaça... Esta confiança, que sempre verificá-

mos noutros períodos de emergência, constitui a melhor prova do sentido persuasivo americano. E, como existe para tudo uma compensação, mais ou menos justa, os proprietários dos estúdios decidiram produzir menos filmes mas... melhores. Os resultados desta inteligente medida económica excedeu toda a expectativa. Nunca, como agora, se apresentaram tão bons filmes. Por outro lado, a capacidade de visão das plateias do continente americano regista um aumento de cerca de cem por cento, o que, de certo modo, constitui uma consoladora compensação para a perda de alguns mercados europeus.

Hollywood, a despeito de todos os obstáculos que a guerra levantou à sua expansão, orgulha-se em ser um dos mais poderosos centros de actividade do mundo. Há pouco mais de dois anos, a assistência aos espectáculos cinematográficos não atingia 40 milhões de pessoas, por semana. Agora, ultrapassa 85 milhões. Que outra indústria caminha a passos tão agigantados? Excepcionalmente a Gran-Bretanha, que outro país se pode nivelar com a poderosa América?

António Lourenço



Robert Taylor e Mary Howard, principais interpretes do filme «Billy, o vingador»



Um par célebre: Myrna Loy e William Powell voltam a estar juntos em «A sombra do homem sombra»



Shirley Temple... cresceu. Quem dirá que é ela?

MUNDO GRÁFICO



As
tropas invencíveis
da China
batem-se
contra o inimigo
numa
epopeia
de glória